

A SOCIEDADE LATINO-AMERICANA ATRAVÉS DA ANÁLISE DAS TIRINHAS DA PERSONAGEM *MAFALDA* DE QUINO: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA¹

Camila Braz Viscardi²
Gilse Antoninha Morgental Falkembach³

RESUMO

Este artigo é o relato de uma experiência didática que se propôs a utilizar as histórias em quadrinhos da personagem *Mafalda* como fonte de análise da atual sociedade latino-americana. A personagem *Mafalda*, criada pelo cartunista argentino Quino entre 1964 e 1973 é conhecida por expor com uma linguagem simples e metafórica um conjunto de assuntos polêmicos que foram próprios de sua época, mas que ainda encontram contemporaneidade com nossa atual conjuntura como feminismo, a (in) moralidade, a educação, o poder, a dependência cultural e econômica, etc. O objetivo fundamental desse artigo é estimular a utilização dessa mídia como um recurso educacional que pode motivar a reflexão crítica por parte dos educandos. Em termos metodológicos, foram selecionadas tiras presentes no livro *Toda Mafalda* de Quino que divididas em quatro temas transversais (meio ambiente, pluralidade cultural, trabalho e consumo) foram expostas a fim de promover um debate sobre as diferenças e semelhanças tendo por base duas épocas diferentes da História da América Latina.

PALAVRAS CHAVES: Experiência didática com história em Quadrinhos; Personagem *Mafalda*; Cartunista Quino

ABSTRACT

This article is the result of a learning experience that proposed the use of comic character *Mafalda* as a source of analysis of the current Latin American society. The character *Mafalda*, created by Argentine cartoonist Quino between 1964 and 1973 is known to exhibit a simple language with metaphorical and a set of controversial issues that were of his own time, but still are contemporaneity with our current situation as feminism, the (in)morality, education, power, cultural and economic dependence, etc. The fundamental objective of this paper is to stimulate the use of this medium as an educational resource that can motivate reflection criticism on the part of students. In methodological terms, we selected strips in the book *Toda Mafalda* Quino which divided into four cross-cutting themes (environment, cultural diversity, work and consumption) were exposed to foster a debate about the differences and similarities based on two different epochs in the history of Latin America.

KEYWORDS: Didactic experience with comic; Character *Mafalda*; Cartoonist Quino

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Professora de História e Geografia, concluinte do Curso de Pós-Graduação em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Contato: camilabb@gmail.com

³ Professora Orientadora, Mestre em Informática PUC/RJ- Doutora em Informática na Educação UFRGS

1. INTRODUÇÃO

Incontestavelmente os quadrinhos ainda hoje, representam um meio de comunicação de massa de amplo apelo popular. Mesmo o aparecimento e a concorrência de outras mídias não impediram que esse gênero de publicação continuasse a ganhar um amplo número de fãs e por consequência começasse a receber cada vez mais atenção como recurso didático.

O tema central deste trabalho é a personagem *Mafalda* obra do cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino, que se tornou um verdadeiro ícone das Histórias em Quadrinhos - HQ's⁴ por abordar as transformações de sua época de maneira muito particular.

O sucesso da personagem se deu a partir da abordagem a assuntos políticos, econômicos e sociais polêmicos ganhando grande popularidade tanto na Argentina quanto em diversos países do mundo, onde a publicação foi traduzida.

As aventuras de *Mafalda* são um excelente recurso pedagógico por ser um retrato de um dos períodos mais conturbados de nossa História recente. As tirinhas⁵ da jovem menina contestadora é uma das mais veiculadas em livros didáticos. Elas estão presentes nos livros de Gramática, História, Geografia, Sociologia e Filosofia, além de serem cada vez mais utilizadas como tema de questões de concursos públicos, vestibulares e nas avaliações do MEC⁶ como a Prova Brasil e o Enem.

A grande popularidade, no entanto, paradoxalmente se contrapõe a desvalorização desse recurso didático fora as aulas de Língua Portuguesa. Este artigo se propõe através do uso dos quadrinhos de *Mafalda* analisar a sociedade atual latino-americana passando por seus problemas e contradições. Para tanto, foram selecionadas quinze tiras presentes no livro *Toda Mafalda* tendo como critério de escolha quatro temas transversais: meio ambiente pluralidade cultural, trabalho e consumo.

2. BREVE HISTÓRICO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Muitas vezes, o termo HQ ou *comics*⁷ é empregado erroneamente para designar outras

⁴ Abreviatura usual para designar histórias em quadrinhos.

⁵ História em quadrinhos, geralmente com três ou quatro quadros, apresentada em jornais e revistas em uma única faixa horizontal.

⁶ Como é possível aferir nos sites do MEC que disponibilizam as edições anteriores destas avaliações <http://inep.gov.br/web/enem/edicoes-antiores/provas-e-gabaritos> e <http://provabrazil.inep.gov.br/downloads>

⁷ Termo usado para designar as histórias em quadrinhos nos Estados Unidos, literalmente significa cômico em inglês.

manifestações como a charge⁸ e o *cartoon*⁹. Conforme Braga Júnior (2012, p. 16) “as histórias em quadrinhos são produções midiáticas vinculadas ao mundo do entretenimento e da expressão artística. São publicações impressas ou digitalizadas, que narram, através de uma sequência de imagens desenhadas, situações das mais diversas”.

A origem desse gênero de publicação é incerta, mas os pesquisadores parecem concordar que o emprego de imagens remonta os primórdios da humanidade com as pinturas rupestres.

Seguindo este ponto de vista seriam também histórias em quadrinhos os murais das pirâmides egípcias, os vasos dos artistas gregos, as tapeçarias e iluminuras da Idade Média, os afrescos renascentistas, entre outras manifestações.

O formato de HQ que se conhece hoje nasceu entre o final do século XIX e o início do século XX, “amparados numa rivalidade entre grupos jornalísticos” (CIRNE, 1972, p. 12) e voltados, paradoxalmente, para o público adulto.

Como define o professor e pesquisador Dr. Waldomiro Vergueiro, atual coordenador do Observatório de História em Quadrinhos da USP (2004):

Despontando inicialmente nas páginas dominicais dos jornais norte-americanos e voltados para as populações de migrantes, os quadrinhos eram predominantemente cômicos, com desenhos satíricos e personagens caricaturais. Alguns anos depois, passaram a ter publicação diária nos jornais - as célebres tiras-, e a diversificar suas temáticas [...] essas histórias disseminaram a visão de mundo norte-americana, colaborando, juntamente com o cinema, para a globalização dos valores e cultura daquele país. (VERGUEIRO, 2004, p. 10)

No Brasil, os quadrinhos tiveram como precursor o desenhista ítalo-brasileiro Angelo Agostini. Segundo PALHARES (2008) em 30 de janeiro de 1869¹⁰ nascia à história em quadrinhos *As Aventuras de Nhô Quim ou Impressões de uma viagem à Corte*. A HQ publicada pela revista *Vida Fluminense*, do Rio de Janeiro, antecederia a publicação norte-americana do *Yellow Kid* (Garoto Amarelo), de Richard Outcault, em 1895, que na maioria das vezes apontada pelos pesquisadores estrangeiros como a HQ pioneira. Porém, como esclarece Pessoa (In: Campos, 2010, p. 02), os concorrentes são muitos:

Os livros norte-americanos nem tem dúvida: a primeira História em quadrinhos é o *Yellow Kid* (...). Mas a Inglaterra apresenta as páginas desenhadas por Gilbert Dalziel em 1884, como prova que os quadrinhos são uma invenção inglesa. Os alemães podem afirmar que os dois primeiros heróis dos quadrinhos surgiram em 1865 na Alemanha: foram Max e Moritz, de Wilhelm Busch. Mas, por outro lado, os espanhóis podem falar dos quadrinhos de Goya, do início do séc. XIX. No Brasil,

⁸ Ilustração que tem por fim satirizar em um tom burlesco, por meio de uma caricatura, algum acontecimento da atualidade.

⁹ Desenho humorístico que pode estar seguido ou não de legenda que de forma crítica sintetiza um determinado acontecimento.

¹⁰ Em homenagem ao pioneirismo de Agostini com *As Aventuras de Nhô Quim*, a data de sua publicação foi escolhida para marcar o Dia do Quadrinho Nacional.

orgulhamo-nos do ídolo brasileiro, Angelo Agostini que inventou os quadrinhos em 1884. (CAMPOS apud PESSOA, 2010, p.02)

Os quadrinhos começaram a se popularizar, no Brasil, em 1905, com o nascimento da revista infantil Tico-Tico.

Porém, foi com o surgimento da editora Brasil-América Limitada (EBAL), fundada por Adolfo Aizen, que os quadrinhos alcançaram grandes tiragens apostando em uma maior “respeitabilidade” com a publicação de versões de romances clássicos e biografias de grandes “vultos da pátria”, além de outros títulos de maior apelo popular.

Foi a partir dessa época, que os gibis¹¹ com personagens essencialmente nacionais começaram a ter como concorrência os quadrinhos americanos que passavam a ser traduzidos e publicados no país.

O Brasil seria palco de um verdadeiro duelo entre editoras que trouxeram como resultado a difusão de uma grande variedade de publicações.

Mas foi com a Segunda Guerra Mundial que os quadrinhos norte-americanos ganharam popularidade no mundo todo com o engajamento fictício dos heróis no conflito. Publicações da época traziam os super-heróis lutando contra os nazistas e os japoneses e em algumas edições chegaram, inclusive, a combater caricaturas do próprio Hitler.



Com sua entrada no universo dos gibis, o Capitão chegaria para apaziguar a agonia, o autoritarismo militar e combater a tirania. Claro que, em tempos de guerra, um gibi de um herói com uma bandeira americana no peito aplicando um sopapo no Führer só poderia ganhar destaque, e o sucesso não demoraria muito a chegar.

COSTA, C. Capitão América, o primeiro vingador: crítica. Disponível em: www.revistasart.com.br. Acesso em: 27 jan. 2012. (adaptado).

A capa da primeira edição norte-americana da revista do Capitão América demonstra sua associação com a participação dos Estados Unidos na luta contra

- A a Tríplice Aliança, na Primeira Guerra Mundial.*
- B os regimes totalitários, na Segunda Guerra Mundial.
- C o poder soviético, durante a Guerra Fria.
- D o movimento comunista, na Guerra do Vietnã.
- E o terrorismo internacional, após 11 de setembro de 2001.

Disponível em: <http://quadro-e-quadro.blog.br>. Acesso em: 27 jan. 2012.

Figura 1 - *Capitão América* dando uma surra em Hitler – Questão do ENEM 2012.

¹¹ Em 1939 nascia a revista *Gibi*, publicada por Roberto Marinho para rivalizar com a publicação *Mirim* de Adolfo Aizen. Sua popularidade foi tão grande entre os leitores que seu nome é utilizado até hoje para designar as publicações seriadas, normalmente mensais, publicadas em formato pequeno e com papel de baixa durabilidade.

O conflito iria marcar também o conteúdo das narrativas dos personagens infantis, como os da *Disney* que apareciam fazendo propaganda contra os regimes totalitários e promovendo a compra de títulos de guerra.



Figura 2 - Neste *cover* de *Pato Donald* de 1944, o personagem aparece vestido como *Tio Sam* promovendo a compra de títulos de guerra.

Esta fase ficaria marcada pela extrema violência dos quadrinhos e pelo nascimento de dois personagens emblemáticos que viriam a se tornar verdadeiros ícones americanos: *Super Homem* e a primeira heroína, *Mulher Maravilha*.

Com o pós-guerra e a bipolaridade, as HQ's paradoxalmente tiveram suas tiragens ampliadas, à medida que começaram a sofrer também um combate implacável por parte de muitos psicólogos e educadores que as julgavam como “inimigas do ensino e do aprendizado” (RAMA E VERGUEIRO, 2008, p.16), chegando em alguns países, a propor leis que estabeleciam restrições à publicação de quadrinhos.

A imagem que os super-heróis não matam, perpetuada até hoje, vai surgir nesse momento como uma forma de rebater as críticas.

Seguindo a ideologia da época, os vilões, agora, passam a aparecer vestidos com os símbolos icônicos do comunismo que foram amplamente combatidos durante a Guerra Fria.



Figura 3 - Capa da HQ do *Capitão América* de 1989, onde o super-herói aparece enfrentando super soldados soviéticos. É possível observar a foice e o martelo na vestimenta do vilão

Nesse cenário de restrições, alguns autores com o argentino Quino e o norte-americano Charles M. Schulz apostam em publicações aparentemente inocentes que exploram o universo infantil como no caso da menina *Mafalda* e do garoto *Charlie Brown*, respectivamente, e sob essa ótica mostrar as grandes contradições do mundo adulto.

Especialmente no Brasil e na Argentina, esse fora um período bastante próspero para HQ's, mesmo com a forte censura do regime militar. No país, o semanário *Pasquim* editado entre 1969 e 1991, ganhará popularidade com humor debochado e descontraído.

Muitos cartunistas conquistaram seu espaço nos anos de chumbo ligados, sobretudo, à crítica política, dentre estes estavam Ziraldo, Millôr Fernandes, Laerte, Glauco, Angeli, Henfil, entre muitos outros.



Figura 4 - *Graúna* de Henfil publicada no semanário o *Pasquim*

Passada a época da “moralização” com a elaboração, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, de um código de ética para os quadrinhos, as HQ's se tornaram definitivamente um produto cultural lucrativo, segundo Gonçalo Júnior (2004), em 1960, só no mercado brasileiro, contava com 15 milhões de HQ's vendidas por mês – 180 milhões por ano.

Nos anos finais do século XX, os *mangás*, os quadrinhos japoneses, invadem o mercado com sucessos duplos com versões para o desenho animado como em *Dragon Ball* e *Naruto*.

No Brasil, desenhistas como Maurício de Souza criador da *Turma da Mônica* e Ziraldo com a *Turma do Pererê* e *Menino Maluquinho*, dominam o público infantil se aventurando também no mercado paradidático.

Ultimamente, muitas histórias em quadrinhos da considerada “época de ouro e de prata” norte-americana estão sendo resgatadas pelo cinema, em superproduções que muitas vezes são sucesso de bilheteria como em *Watchmen*, *Thor*, *Quarteto Fantástico*, *Homem*

Aranha, Batman, Homem de Ferro, dentre muitos outros, levando novas gerações a conhecer e a apreciar a chamada “nona arte”.

Ultimamente a Internet tem se tornado a porta de entrada para novos cartunistas que divulgam seus trabalhos em blogs e em redes sociais como Alexandre Beck, Allan Sieber, Arnaldo Branco, Carlos Ruas, Willian Leite, Rafael Sica, etc.



Figura 5 - Tirinha do personagem Armandinho de Alexandre Beck

Outros como os gêmeos Fabio Moon e Gabriel Bá tem se aventurado, também, na adaptação de romances (*graphic novel*) como a obra *O Alienista*, de Machado de Assis, que foi premiada em 2008 com o Prêmio Jabuti de Melhor livro didático e paradidático de ensino fundamental e médio.

3. OS QUADRINHOS COMO RECURSO DIDÁTICO

3.1 A UTILIZAÇÃO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA ESCOLA

A veiculação de quadrinhos nos livros didáticos não é algo novo, como expõe Silva (In: Luyten, 1985. p. 61), é comum que em várias edições didáticas os quadrinhos apareçam “como uma atração a mais para crianças e docentes, já acostumados aos desenhos animados da TV e às revistas em quadrinhos tradicionais”. Como observa Silva (1979. p. 106) “Prova disso está nos próprios livros escolares de hoje que não passam de verdadeiros ‘gibis’ didáticos, tal o número de ilustrações que possuem”, no entanto, essa “atração a mais” muitas vezes não se concretiza na sua efetiva utilização didática funcionando muito mais como uma complementação estética à publicação do que como um recurso pedagógico propriamente dito.

Segundo a Dr.^a Sonia Maria Bibe Luyten (1984), que há quatro décadas realiza pesquisas sobre a utilização das HQ’s em sala de aula, isso nem sempre foi assim. Durante muito tempo, as histórias em quadrinhos “entravam” na escola pela “porta dos fundos”, pois, eram consideradas uma subarte, uma subliteratura. Igual tratamento era dispensado nas pesquisas na universidade. O estranhamento entre as HQ’s e o espaço escolar brasileiro não é nada recente. Como define Carvalho:

Aqui no Brasil, já em 1928, surgiram as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles “incutiam hábitos estrangeiros nas crianças”. Na década seguinte, em 1939, diversos bispos reunidos na cidade de São Carlos (SP) deram continuidade à xenofobia, propondo até mesmo a censura aos quadrinhos, porque eles traziam “temas estrangeiros prejudiciais às crianças”. (CARVALHO, 2006, p. 32)

O auge dessa preocupação em relação aos quadrinhos, não só no Brasil como em todo o mundo, se deu após a Segunda Guerra Mundial, especialmente durante década de 50.

Segundo Vergueiro (2006) o preconceito pode ser explicado pela influência negativa do livro “*Seduction of the Innocent*” (A sedução dos inocentes), do psiquiatra alemão Frederic Wertham, que lançado nos Estados Unidos, se tornou a visão dominante de sua época.

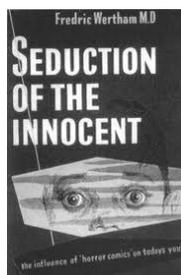


Figura 6 - Capa do livro “*Seduction of the Innocent*”

O livro sustentava a ideia que os quadrinhos poderiam provocar anomalias de comportamento, sobretudo estimulando a violência em crianças e adolescentes.

...afastava as crianças dos objetivos “mais nobres” – como o conhecimento do “mundo dos livros” e o estudo de “assuntos sérios” –, que causava prejuízos ao rendimento escolar e poderia, inclusive, gerar consequências ainda mais aterradoras, como o embotamento do raciocínio lógico, a dificuldade para a apreensão de ideias abstratas e o mergulho em um ambiente imaginativo prejudicial ao relacionamento social e afetivo de seus leitores. (RAMA E VERGUEIRO, 2008, p.16)

Ainda que a utilização dos quadrinhos tenha sido primeiramente vista com certo critério pela sociedade que aceitara como senso comum os malefícios desse tipo de literatura, os últimos anos provaram o contrário, sendo as HQ’s pouco a pouco incorporadas ao ensino em diversos países do mundo, sendo suas potencialidades na educação tema de pesquisas.

Aos poucos, o “redescobrimento” das HQs fez com que muitas das barreiras ou acusações contra elas fossem derrubadas e anuladas. De certa maneira, entendeu-se que grande parte da resistência que existia em relação a elas, principalmente por parte de pais e educadores, era desprovida de fundamento, sendo sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento (VERGUEIRO, 2010, p. 17).

Conforme Braga Júnior (2012), no Brasil, a utilização desta mídia para fins educacionais começou a ser evidenciada a partir da publicação Lei de Diretrizes e Bases da

Educação (LDB) de 1996, em que se faz referência ao uso de HQ's em sala de aula, aparecendo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), sobretudo no de Língua Portuguesa e de Língua Estrangeira. Mas, foi com o Programa Nacional Biblioteca nas Escolas (PNBE), em 2006, que as HQ's ganharam oficialmente as prateleiras das bibliotecas escolares e espaço, mesmo que tímido, nos planos de ensino dos professores.

Embora seja ainda subestimada devido a uma série de preconceitos as HQ's devem ser encaradas como uma ferramenta didática que “não encontra resistência por parte de alunos; é uma linguagem de fácil compreensão pelos leitores” (CALAZANS, 2004, p. 7).

4. O CRIADOR E SUAS CRIATURAS

4.1 O CARTUNISTA ARGENTINO QUINO - O CRIADOR ¹²



Figura 7 - Caricatura do cartunista Quino

O cartunista Joaquín Salvador Lavado, conhecido como Quino, nasceu na cidade de Mendoza na Argentina, em 17 de julho de 1932, sendo o terceiro filho de um casal de imigrantes espanhóis.

Órfão ainda muito jovem teve sua habilidade descoberta por um tio que o estimulou a entrar para Escola de Belas Artes em sua cidade natal.

Em 1949, resolve abandonar a Escola, partir para capital Buenos Aires e se dedicar a escrever historietas de humor, após um curto período no Exército. Quino tem seu primeiro quadrinho publicado no semanário *Esto es*.

A carreira de desenhista decola e com o maior reconhecimento do seu trabalho é convidado por uma empresa de eletrodomésticos a criar uma série de quadrinhos que retratassem uma típica família argentina de classe média, o projeto não segue em frente e *Mafalda* é engavetada.

¹² A breve biografia está baseada nas informações do site oficial de Quino <http://www.quino.com.ar/quino-biografia.html> (acesso em 28 de outubro de 2013) e na linha do tempo presente em seu livro *Toda Mafalda* (QUINO. *Toda Mafalda*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993).

Em 1964, a personagem que lhe garantiria fama internacional é publicada pela primeira vez na revista *Leoplán*. Posteriormente o semanário *Primeira Plana* se interessa pela história e decide publicá-la regularmente.

Em 1966, agora no jornal *El Mundo*, *Mafalda* ganha seu primeiro livro, a partir daí seguiram-se dez coletâneas que são traduzidas para diversos países.

Em 1973, Quino despede-se dos seus leitores do periódico *Siete Dias* e deixa de desenhar *Mafalda*, declarando não ter mais motivação para manter a originalidade que exigia a personagem.

Apesar disso, *Mafalda* e sua turma seguem a aparecer em ocasiões especiais como em campanhas que envolvem projetos educacionais, culturais, sociais e de solidariedade por todo mundo, como na Declaração dos Direitos da Criança encomendada pela UNICEF.

4.2. SUAS CRIATURAS



Figura 8 - Mafalda e sua turma

4.2.1 MAFALDA

A personagem *Mafalda* (Figura 8 de laço no cabelo) é muito mais do que aparenta ser. A garota argentina de seis anos¹³ é conhecida por ser veículo de “críticas políticas contundentes sob uma aparente ingenuidade” (VILELA, 2006, p.116).

Contudo, para interpretar *Mafalda* e entender seu sucesso, é necessário compreender sua época e seu mundo.

Como reflete Silva:

Quase sempre a inspiração dos quadrinhos emerge da sociedade, das mazelas do ser humano, como no caso dos quadrinhos da Mafalda, a personagem que virou símbolo da década de sessenta e cuja temática ainda não “saiu de moda.” (SILVA, 2010, p.12)

É importante observar que a personagem *Mafalda* foi desenhada entre os anos de 1964 e 1973 sendo contemporânea a inúmeros acontecimentos significativos, fora a época da bipolaridade e da permanente tensão entre russos e americanos, da Guerra do Vietnã, das

¹³ Tendo por base o ano de 1964 quando se inicia sua publicação. O último número em 1973, *Mafalda* aparece com 8 anos, essa passagem do tempo fica evidente em sua trajetória escolar que vai do jardim de infância ao ensino fundamental.

ditaduras civis-militares na América Latina, da forte influência norte-americana e dos assassinatos de Martin Luther King e Malcolm X e do revolucionário Che Guevara. A sociedade também mudara com o início da revolução feminista e a onda hippie.

A Argentina vivia um período marcado por uma grave crise econômica com a constante desvalorização de sua moeda e um crescente número de desempregados, completava o cenário repressivo os muitos casos de tortura e a falta de liberdades democráticas.

Não é à toa que as tirinhas de *Mafalda* são tão ricas em sentido, balançando entre os assuntos típicos de sua pouca idade como a escola, as brincadeiras e seus ídolos, os Beatles, passando a discorrer sobre assuntos sérios, sobretudo a seu tempo, como liberdade e direitos civis.

Quino, de forma singular, convida o leitor a interpretar o que está por trás das metáforas, esperando evidenciar desta forma o implícito e não dito e através de uma jovem menina fazer severas críticas mesmo que durante a ditadura militar argentina que notoriamente foi uma das mais cruéis da América Latina.

Uma das metáforas mais evidentes da obra é o fato da menina detestar sopa, o que o próprio autor apontou ser uma forma de manifestar seu descontentamento com relação à intragável ditadura argentina.

Enfim, como argumenta Umberto Eco, “ninguém nega que as histórias em quadrinhos (quando atingem certo nível de qualidade) assumam a função de questionadoras dos costumes” (In: QUINO, 2003, p. XVI). E de fato as tirinhas de *Mafalda*, atingiram este nível de qualidade, pois através de um tom ora irônico, ora cômico, estimula uma profunda reflexão sobre o mundo que nos cerca, mesmo que para isso utilize de uma linguagem simples e acessível em um contraste singular entre a ingenuidade e a perspicácia.

“Mafalda se recusa em ser integrada no mundo adulto que condena. Por outro lado, sua precocidade permite compreender, melhor que os mais velhos, o mundo presente.”. (Moya, 1993, p. 185)

4.2.2 SEUS INTERLOCUTORES

Os quadrinhos de *Mafalda* são construídos através de sua interação com sua família e amigos.

Os pais são um típico casal de latino-americanos endividados e à espera das próximas férias. Conheceram-se na universidade, que a mãe de *Mafalda* teve de abandonar ao se casar, o que gera muitas críticas por parte da menina. O pai é funcionário de uma empresa de

seguros e tem como hobby a jardinagem, a mãe dona-de-casa cuida em tempo integral de *Mafalda* e mais tarde do pequeno *Guile* vivendo estressada com a crescente inflação e os muitos afazeres domésticos. Ambos ficam perplexos com as indagações de *Mafalda*, tendo que recorrer, por causa disso, frequentemente ao calmante Nervocalm.

Mafalda conta ainda com seus interlocutores-mirins, amigos e colegas de escola: *Susanita* (Figura 8 terceira da direita para esquerda), sua melhor amiga e oposta, é fútil, fofoqueira e individualista, por vezes, até mesmo racista, tem como plano de vida: arranjar um bom partido, casar, ser sustentada pelo marido e ter muitos filhos. *Manolito* (Figura 8 segundo da direita para esquerda) é a personificação do exagero capitalista, bruto, ambicioso e materialista, sonha em ser o futuro proprietário de uma ampla rede de supermercados superando o armazém de seu pai, o *Don Manolo* onde ele próprio trabalha. *Filipe*, (Figura 8 primeiro à direita) o sonhador de imaginação fértil e de certo ar quixotesco, preguiçoso, tímido e que não gosta de ir à escola. *Miguelito*, (Figura 8 primeiro a esquerda) simpático e narcisista que almeja o estrelato mais do que tudo e a metafórica pequena *Libertad*, (Figura 8 lado direito de *Mafalda*) filha de hippies e grande entusiasta das revoluções. Completa a turma, o irmão caçula de *Mafalda*, *Guile*, (Figura 8 segundo da direita para esquerda) que comumente a surpreende com seus dilemas e transgressões infantis.

As primeiras tiras de *Mafalda* mostram ainda sua tartaruga de estimação batizada de *Burocracia* (Figura 9), uma insinuação a Arturo Illia, presidente que comandou a Argentina entre 1963 e 1966 e que teve seu governo marcado por uma atuação inexpressiva na condução tanto da economia quanto da política interna e externa do país.



Figura 9 - Tira de Mafalda satirizando o presidente argentino da época

4.2.3 A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS

Antes de começar o trabalho efetivo com a análise de HQ's foi preciso recorrer a uma explanação que contemplasse os principais fundamentos da “nona arte”.

Conforme Vergueiro (2008, p.31): “a alfabetização na linguagem específica dos quadrinhos é indispensável para que o aluno decodifique as múltiplas mensagens neles presentes e, também, para que o professor obtenha melhores resultados em sua utilização”.

Segundo o desenhista Will Eisner, os quadrinhos apresentam múltiplos elementos fundamentais para a sua interpretação:

A configuração geral da revista em quadrinhos apresenta uma sobreposição de palavra e imagem, e assim, é preciso que o leitor exerça suas habilidades interpretativas visuais e verbais. [...] A leitura da revista em quadrinhos é um ato de percepção estética e de esforço intelectual. (EISNER, 1999, p.8)

Em resumo, as HQ's são formadas por dois códigos: o visual (desenhos, imagens) e o verbal (diálogos, narração), ambos constantemente interagem para que a mensagem seja perfeitamente compreendida em seu contexto.

As histórias em quadrinhos se estabelecem dentro de retângulos onde são dispostas cenas em sequência que transmitem a mensagem ao leitor.

Dentre as linguagens visuais que compõem os quadrinhos as mais usuais são: os balões que são empregados para estabelecer as falas, seu formato transmite se a personagem está pensando, cochichando, falando alto, etc. ou se a fala é individual ou coletiva.

Nem todas as histórias em quadrinhos fazem o uso de balões, muitos autores somente utilizam legendas, em outros casos, o desenhista pode fazer uso de um narrador, o que ocorre geralmente na introdução das histórias.

As onomatopeias são signos que representam ou imitam um determinado som, por isso, podem sofrer mudanças de acordo com cada idioma. Talvez a mais conhecida e de utilização quase que universal seja “*bang bang*” (som referente a tiros) que comumente é empregada para designar o subgênero de “faroeste”. As metáforas visuais são usadas pelos autores para transmitir situações da história por meio de imagens, sem utilização do texto verbal, seja com o emprego de cobras, lagartos e bombas para expressar xingamentos ou corações e beijos para expressar que a personagem está apaixonada, entre outros. Por último, existem as linhas de movimento que servem para demarcar a trajetória de um objeto ou de um corpo, do início ao fim do movimento dentro ou fora dos quadros.

Os diálogos, em geral, são escritos em letra maiúscula, utilizando a função negrito para expressar descontentamento ou alteração no tom de voz, o tamanho da letra também é um elemento a ser analisado, com a fonte maior o autor pode revelar segurança, decisão, vigor quanto que uma fonte menor pode manifestar covardia, temor, submissão. Dependendo do engenho do autor, outros estilos podem ser empregados, como em *Toda Mafalda* de Quino, onde em várias tirinhas, o cartunista utiliza de letras com caligrafia infantil para demonstrar que o texto foi escrito por uma criança.

O cenário oferece a dimensão de tempo e espaço, do mesmo modo, que os elementos que compõe o plano de fundo ambientam a cena. O ângulo de visão é outro elemento importante,

podendo abordar tanto um plano panorâmico que é quando a ação é mostrada ao longe, um plano médio quando mostra a personagem da cintura pra cima ou um plano fechado onde o enquadramento privilegia o rosto da personagem.

5. METODOLOGIA

Em termos de metodologia, o presente trabalho foi realizado primeiramente através da pesquisa bibliográfica sobre a utilização das HQ's como ferramenta didática por meio da análise da trajetória desse gênero de publicação.

A sequência didática envolvendo a leitura e a análise das HQ's em sala de aula foi dividida em quatro módulos, objetivando atender as dimensões tanto visuais-textuais quanto sócio-históricas do gênero. Para isso, foi oferecido a 20 alunos do Ensino Médio de uma escola pública, um minicurso composto por quatro encontros no turno inverso às aulas, de uma hora e meia cada, totalizando seis horas.

6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

a) MÓDULO I

Nesse primeiro momento, foi realizada a apresentação deste gênero textual a turma lançando as seguintes perguntas:

- a) Quais são os personagens de HQ que vocês conhecem?
- b) Vocês costumam ler HQ's?
- c) De que forma?

Com o debate foi possível verificar que os jovens conheciam diversos personagens das HQ's, especialmente, os super-heróis e os mangás que fazem sucesso também nos desenhos animados e nos cinemas.

Os jovens afirmaram ter grande familiaridade com os quadrinhos, sobretudo, tendo o hábito de ler novos autores que costumam divulgar seus trabalhos na Internet, em compensação, poucos deles afirmaram que faziam a leitura de gibis, sendo a leitura muito mais comum em casa do que na escola.

Em um segundo momento, se iniciou através de uma apresentação de *slides* a abordagem dos principais elementos constitutivos das HQ's, usando imagens do livro *Toda Mafalda* de Quino para exemplificar os tipos de balões, as principais onomatopeias, as metáforas visuais e a formação dos cenários.

Para melhor compreender a linguagem dos quadrinhos, os alunos foram apresentados ao site *Pixton*¹⁴, onde é possível criar tirinhas e explorar os elementos que compõem as HQ's. Em duplas, os estudantes criaram uma tirinha de tema livre.



Figura 10 - Criação de quadrinhos no site *Pixton*

b) MÓDULO II

A segunda aula se iniciou com um breve histórico das HQ's evidenciando obras que podem ser utilizadas como ferramenta didática.

Posteriormente os alunos foram apresentados à personagem *Mafalda* e seus interlocutores (Figura 9) através da leitura de tiras presentes no livro *Toda Mafalda*, relacionando cada personagem com suas respectivas características¹⁵.

Com base na imagem e na explanação anterior foi pedido aos alunos listassem o que mais teria lhes chamado atenção. Alguns observaram que a família de *Mafalda* é atípica em função de contar com quatro integrantes o que era bastante incomum naquela época onde a taxa de natalidade era grande na América Latina, outros, comentaram o fato da mãe ter abandonado a faculdade em função da gravidez e, portanto, não ter se integrado ao mercado de trabalho, o que segundo eles ainda é muito comum, nesse momento, os alunos citaram como exemplos colegas de escola que abandonaram os estudos quando se descobriram grávidas.

Como grande parte dos diálogos se faz no ambiente escolar, os alunos identificaram muitas semelhanças entre os personagens de Quino e a realidade da sala de aula.

Tamanho foi o interesse no debate que as algumas das atividades propostas tiveram de ser adiadas e o tempo da aula excedido.

c) MÓDULO III

¹⁴ Site: <http://www.pixton.com/br/> Acesso 2 de outubro de 2013

¹⁵ As características tiveram como base as informações do site <http://www.mafalda.net/index.php/pt/os-protagonistas> Acesso 9 de outubro de 2013

Coletivamente foi criada uma linha do tempo com os fatos que marcaram o período de publicação de Mafalda. Primeiramente os alunos citaram diversos marcos para a época como a revolução feminina, os hippies, a ditadura, a guerra do Vietnã, em um segundo momento, sob orientação, os eventos foram organizados e separados em políticos e sociais.

Posteriormente os alunos foram divididos em quatro grupos de cinco integrantes, os estudantes receberam tirinhas relacionadas a quatro temas transversais (meio ambiente, pluralidade cultural, trabalho e consumo) que foram expostas a fim de promover um debate.

Como tarefa para o próximo encontro, os grupos deveriam fazer uma releitura das tirinhas do tema transversal correspondente. Para isso, os alunos deveriam criar uma apresentação de *slides* apontando as semelhanças e diferenças em relação ao período em que foi feita a publicação e a nossa época. .



Figura 11 - Tirinha usada para debater sobre o consumo e o consumismo

d) MÓDULO V

A apresentação realizada pelos quatro grupos demonstrou que mesmo sendo a personagem escrita há quase meio século, *Mafalda* ainda é bastante atual.

Os alunos apontaram como semelhanças:

- a) preocupação com a relação entre consumo e consumismo presente em muitas das tiras de Mafalda

“Hoje em dia é preciso ter para ser”

“Nós jovens estamos ligados ao consumo das grandes marcas” (comentários realizados pelos alunos do grupo de consumo)

- b) entrada e permanência no mercado de trabalho

“Os melhores profissionais tem que se mudar para outras cidades ou até mesmo para o estrangeiro” (comentário realizado pelo aluno do grupo de trabalho)

“Eu me lembro da professora ter comentado algo sobre a “fuga de cérebros” que acontece em países como o Brasil” (comentário realizado pela aluna do grupo de trabalho)

Os alunos apontaram como diferenças:

- a) os problemas ambientais já aparecem na obra de Quino, mas que se intensificaram com a chegada do século XXI;

“Mafalda não saberia dizer o que é aquecimento global” (comentário realizado pela aluna do grupo de meio ambiente).

- b) mulher no mercado de trabalho;

“Mafalda muitas vezes questiona a mãe em relação ao diploma, mas isso, já não é mais tabu hoje em dia.” (comentário realizado pela aluna do grupo de trabalho).

Como fechamento do trabalho foi oferecido aos alunos uma ficha de avaliação com perguntas relativas ao resultado da oficina e ao uso das HQ's como ferramenta didática.

Com a avaliação pode-se aferir, em termos quantitativos, que 95% dos alunos gostaram da experiência da oficina em contra turno, pois, acreditam que seja uma maneira de discutir outros temas fora da sala de aula.

A respeito do uso das HQ's em sala de aula, 90% dos alunos disseram usar raramente essa ferramenta e indicaram que o uso mais comum se dá na área de linguagens tanto em questões de interpretação quanto de tradução, como no caso das disciplinas de Inglês e Espanhol.

Quando perguntados sobre os benefícios do uso dos quadrinhos em sala de aula, os alunos apontaram o estímulo à criatividade, criticidade e argumentação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como anteriormente dito na introdução deste artigo, o objetivo deste trabalho é estimular a utilização dos quadrinhos como um recurso educacional que pode motivar a reflexão crítica por parte dos educandos e, assim, encorajar outros profissionais da área da educação que por receio ou por despreparo, ainda não se sentem seguros em abordar esse gênero textual que vem atualmente ganhando destaque na elaboração de questões de concursos públicos e vestibulares. É importante ressaltar que desde a primeira edição do Enem em 1998, apenas os personagens de Quino já aparecerem em sete edições do exame em diferentes áreas do conhecimento.

A experiência didática proposta estimulou a reflexão dos educandos em dois momentos diferentes da História, evidenciando as diferenças e semelhanças na sociedade latino-americana. Os alunos se mostraram bastantes receptivos à proposta, discutindo e se posicionando criticamente sobre o assunto.

No entanto, essa experiência didática reflete apenas uma das muitas formas de se empregar os quadrinhos na sala de aula, abandonando o consenso amplamente divulgado nos livros didáticos em que as seções destinadas às HQs são relacionadas à diversão, enquadrando-se, na maioria das vezes, apenas como uma complementação estética e não propriamente como objeto de estudo.

A contextualização histórica, presente no trabalho, pretende incentivar novas experiências didáticas que contemplem temas como, por exemplo, a Segunda Grande Guerra ou a Guerra Fria, ou ainda, os grandes clássicos da literatura em sua versão em HQ.

É preciso ter em mente que a inclusão das histórias em quadrinhos na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes. Muito pelo contrário, este trabalho mostrou que os alunos receberam a proposta de forma entusiasmada, estimulando, inclusive, a participação mais ativa nas atividades de aula.

Se ainda em um passado recente o preconceito sobre essa mídia a afastou da escola, este trabalho nos mostra, hoje, os benefícios e possibilidades de sua utilização uma vez que houve um aumento significativo da motivação dos alunos durante as aulas, ao mesmo tempo em que, estimulou ao debate e a inter-relação com conteúdos de outras áreas do conhecimento.

Enfim é preciso recordar Gilberto Freyre, um dos grandes intelectuais brasileiros que confessou ser fã das HQ's - "A história em quadrinhos, em si, não é nem boa nem má, depende do uso que se faz dela" (FREYRE in ANSELMO, 1975, p. 96)

REFERÊNCIAS

- ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975
- BRAGA JÚNIOR, A. X. Quadrinhos independentes: usando imagens para contar muito mais que história. **História, imagem e narrativas**, nº 14, abril 2012.
- CALAZANS, F. M. de A. **História em quadrinhos na escola**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CARVALHO, DJota. **A educação está no gibi**. Campinas: Papyrus, 2006.
- CIRNE, M. **A explosão criativa dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- ECO, U. **Mafalda ou a Recusa**. In: Toda Mafalda. 7. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003
- EISNER, W. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LUYTEN, S. M. B. **Histórias em quadrinhos: leitura crítica**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984

PALHARES, M. C.. **História em Quadrinhos: uma ferramenta pedagógica para o ensino de história**. Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2262-8.pdf>>

Acesso dia 28 de setembro de 2013.

PESSOA, Alberto Ricardo. **Histórias em Quadrinhos: Um meio intermediático**. Biblioteca Online das Ciências da Comunicação. São Paulo, s.v, s.n, p.1-15, 2008 <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pessoa-alberto-historias-em-quadrinhos.pdf>> Acesso em 08 de novembro de 2013.

QUINO. *Toda Mafalda*. 1ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, D. da . **Quadrinhos para Quadrados**. Porto Alegre; Bels, 1979.

SILVA, J, N. **HQ nos Livros Didáticos**. Org: LUYTEN, Sonia Maria Bibe. História em Quadrinhos: Leitura Crítica. São Paulo: Paulinas, 1985.

SILVA, T. M. **Educomunicação: Projeto Clube da Mafalda. Um olhar crítico sobre as histórias em quadrinhos da Mafalda**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Universidade Federal do Amazonas, 2010, Manaus – AM.

VILELA, T. **Os quadrinhos na aula de história**. In; RAMA, Â. e VERGUEIRO, W. (orgs.). Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula. 3ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006

VERGUEIRO, W. Uso das HQ no ensino In (Org), **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.